

EM DIREÇÃO A UMA ABORDAGEM NÃO-LEXICALISTA PARA A SINTAXE

Pablo Picasso Feliciano de FARIA¹

RESUMO: Neste artigo, faço uma discussão preliminar sobre o que considero como indicações de um movimento teórico – no âmbito dos modelos chomskianos (cf. Chomsky, 1986, e posteriores) – em direção a um modelo de gramática em que o léxico não precede a sintaxe, i.e., o sistema simbólico da linguagem não operaria sobre itens lexicais (mesmo se interpretados como “pacotes de traços”²) mas, sim, sobre elementos “menores”, p.e., raízes lexicais e morfemas funcionais (cf. Harley & Noyer, 1999) ou traços elementares (cf. Starke, 2011). Tais propostas vem de encontro a problemas específicos dos modelos chomskianos. No primeiro caso, oferecer um tratamento alternativo para processos morfológicos e, no segundo, uma possível solução para a noção de *parâmetro*. Estas abordagens apontam para numa direção comum e resultam do pressuposto de que *pelo menos parte* do processamento lexical *precisa* ser pós-sintático. São algumas consequências deste pressuposto que pretendo discutir aqui.

Palavras-chave: lexicocentrismo, minimalismo, traços, morfologia distribuída, nanossintaxe.

ABSTRACT: In this paper, I do a preliminary discussion on what I consider to be indications of a theoretical movement – in the scope of Chomskyan models (cf. Chomsky, 1986, and subsequent papers) – towards a model of grammar where the lexicon does not precede syntax, i.e., the language symbolic system does not operates on lexical items (even if interpreted as “feature bundles”) but, alternatively, on “smaller” elements, e.g., lexical roots and functional morphemes (cf. Harley & Noyer, 1999) or elementary features (cf. Starke, 2011). These proposals were conceived as solutions to specific problems of Chomskyan models. The former offers an alternative treatment of morphological processes and the latter a possible realization to the notion of *parameter*. These approaches point to a shared direction and result from the premise that *at least part* of the lexical processing *has* to be post-syntactic. Some of the consequences of this premise is what I discuss here.

Keywords: lexicocentrism, minimalism, features, distributed morphology, nanosyntax.

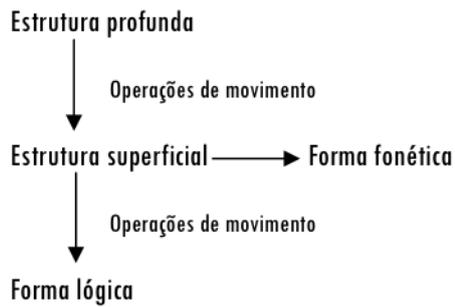
1. Introdução

Há duas³ formulações principais propostas por Noan Chomsky (cf. Chomsky, 1986, 1995) para o componente sintático da Faculdade da Linguagem (FL). Elas serão apresentadas resumidamente a seguir. Para mais detalhes, remeto o leitor a outros trabalhos em que estes modelos são apresentados e discutidos de modo mais amplo e didático. Indico, para este fim, Haegeman (1994), para o modelo de Chomsky (1986), e Hornstein *et al* (2005), para o modelo de Chomsky (1995). Neste artigo, farei apenas uma introdução breve, focando as características de ambos relevantes para a discussão, i.e., o acesso lexical e o papel do léxico. A Figura 1, a seguir, apresenta a estrutura de cada modelo:

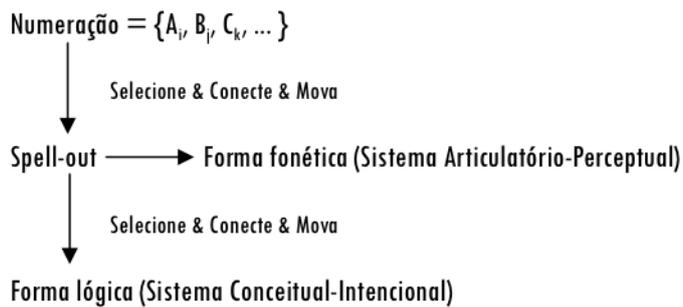
1 Estudante de Doutorando em Linguística na UNICAMP, bolsa FAPESP nº 2009/17172-3.

2 *Feature bundles*.

3 Adoto aqui a distinção em geral adotada na literatura, entre o modelo “GB”, ou seja, o modelo base da Teoria de Regência e Ligação (Chomsky, 1986), e o modelo base do Programa Minimalista (Chomsky, 1995).



a. Arquitetura assumida por modelos pré-minimalistas



b. Arquitetura assumida no minimalismo

Figura 1. Dois modelos de arquitetura da linguagem

No modelo pré-minimalista, (a), eram postulados dois níveis de representação internos à sintaxe (Estrutura Profunda, DS, e Estrutura Superficial, SS), além dos níveis de interface, Forma Lógica (LF) e Forma Fonética (PF). A derivação caminha na direção indicada, iniciando em DS. Nesta etapa é que os itens lexicais a serem utilizados na construção da expressão linguística seriam selecionados pelo sistema computacional (C_{HL4}), que acessaria diretamente o módulo lexical (Léxico), com *todo o léxico à disposição*. Chomsky (1995) toma DS como uma “interface” entre o Léxico e C_{HL} . Por esta razão, esta seleção seria guiada por restrições argumentais dos verbos (seleção semântica) e por restrições de subcategorização (seleção categorial, para categorias funcionais).

Nesta perspectiva, portanto, o aspecto *representacional* é priorizado: há representações específicas, cujas propriedades formais e semânticas servem de restrição à seleção lexical, que apesar de ter todo o léxico à sua disposição, não seria “cega”. Outras restrições – lógico-formais e fonético-fonológicas – seriam responsáveis por *transformações* que modificariam a representação da expressão linguística entre os níveis DS e SS e, posteriormente, no caminho

4 Esta notação foi introduzida por Chomsky (1995) e diz respeito ao sistema computacional da linguagem humana.

para LF. Entre SS e PF não há transformações estruturais, mas apenas processos pós-sintáticos que afetam a cadeia linear (sonora) a ser pronunciada.

No modelo minimalista, no que tange ao léxico, há modificações significativas em função da adoção de uma série de novos ou de mais radicais pressupostos, entre eles a ênfase no caráter *derivacional* do modelo (ver Chomsky, 1995 e posteriores; Hornstein *et al*, 2005; Boeckx, 2006). Como pode ser observado na Figura 1, (b), o modelo minimalista prescinde dos níveis de representação DS e SS, mantendo apenas dois níveis representacionais empiricamente motivados, segundo Chomsky: LF (contraparte semântica da linguagem) e PF (contraparte perceptual)⁵. Note que o acesso lexical, no modelo pré-minimalista, ocorria em DS, que era uma “interface” entre o Léxico e C_{HL}. Ao descartar este nível, portanto, o modelo minimalista deve explicitar o modo como os itens lexicais passam a ser acessados.

Foi proposto, para este fim, o conceito de *numeração*: há um processamento pré-sintático, em que se retira do Léxico um conjunto de traços a partir dos quais será montada⁶ a numeração, que nada mais é que um vetor de itens lexicais (incluindo categorias funcionais) acompanhados de seu *índice* (número de ocorrências do mesmo na numeração). É este vetor que será acessado por C_{HL}, durante a derivação. Assim, mantém-se ainda um intermédio entre o Léxico e C_{HL}. Porém, diferentemente de DS (que atendia à estrutura argumental dos verbos), a numeração é não-estruturada. A estrutura será totalmente construída por C_{HL} e a expressão linguística será “bem formada” se, ao final, atender aos requerimentos das interfaces⁷.

Em resumo, estas são as características dos dois modelos, no que tange ao papel do Léxico. Como vemos, um aspecto geral se manteve inalterado em ambos os modelos: os itens lexicais estão plenamente disponíveis no início da derivação, que segue seu curso operando sobre os mesmos e construindo a árvore sintática até enviar o que foi construído para as interfaces. Se, por um lado, estes modelos tornaram possível descrever um sem número de fenômenos linguísticos, por outro, como em qualquer modelo, as investigações mostraram haver limitações – cuja origem comum está na assunção de que C_{HL} opera sobre itens lexicais plenos – que demandavam abordagens alternativas, duas das quais veremos na próxima seção.

5 A rigor, teríamos que incluir o nível lexical como nível representacional, visto que a numeração é o “ponto zero” da derivação.

6 *Assembled*.

7 Há também outra possibilidade explorada: a convergência, sempre que possível, seria avaliada localmente, no decorrer da derivação. Com isso, seria possível descartar derivações assim que não fosse mais possível às mesmas convergir.

2. Contra a ideia de léxico pré-sintático

2.1 A Morfologia Distribuída (DM)

A DM foi desenvolvida com base no modelo minimalista de gramática. Segundo Harley & Noyer (1999), a DM se distingue de outras teorias morfológicas por três propriedades centrais: *Inserção Tardia*, *Subespecificação* e *Estrutura Sintática “all the way down”*. O modelo da gramática adotado no DM é apresentado na Figura 2:

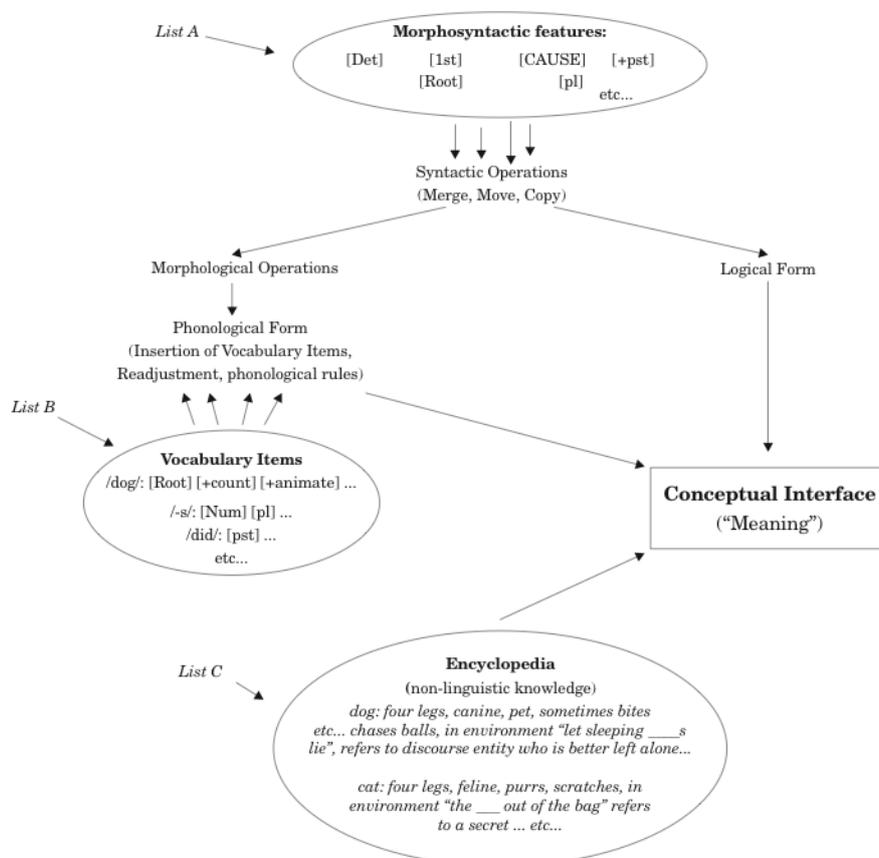


Figura 2. Modelo de gramática na Morfologia Distribuída (Harley & Noyer, 1999)

A primeira propriedade, *Inserção Tardia*, advém da hipótese de que a “expressão fonológica” de todos os terminais sintáticos de uma árvore é provida apenas no mapeamento para a PF, no processo chamado *Spell-Out*. A estas expressões fonológicas é dado o nome de *Vocabulary Items* ou *Itens de Vocabulário*. A propriedade de *subespecificação* significa que os itens de vocabulário não precisam ser totalmente especificados para as posições sintáticas em que podem ser inseridos. E a propriedade de *Estrutura Sintática “all the way down”* requer

que todos os elementos na sintaxe ou na morfologia entrem nos mesmos tipos de relação constituinte (i.e., árvores de ramificação binária).

Conforme Harley & Noyer (1999), a diferença entre a DM e os modelos chomskianos acima está principalmente na atuação do módulo lexical: enquanto nos modelos anteriores o papel do Léxico precede a sintaxe – posição que pode ser chamada de *lexicalista* –, na DM o trabalho do Léxico está *distribuído* através de vários componentes. Um exemplo de aplicação dessa abordagem é fornecido por Marantz (1997), que toma a discussão em Chomsky (1970) sobre verbos incoativos no inglês (como *grow*), que podem ser “causativizados”, gerando construções como *John grows tomatoes*. Chomsky afirma que verbos desse tipo precisam ser inseridos em uma “sintaxe causativa”, para que se derive sua forma causativa. Segundo Harley & Noyer (1999), Marantz (1997) mostra que este processo ser *sintático*, ao invés de lexical, é crucial para a argumentação de Chomsky, em que este afirma que se fosse um processo lexical e a forma causativa de *grow* estivesse lexicalizada, então seria de esperar que a nominalização **John's growth of tomatoes* fosse gramatical (assim como *John's refusal of the offer*).

Na DM não há Léxico, sendo este, portanto, substituído pelos conceitos de Vocabulário (contém parte das informações dos itens) e Enciclopédia (que associa Itens de Vocabulário a sentidos). Note, na Figura 2, que a Interface Conceitual tem acesso tanto à LF (como nos modelos chomskianos) quanto ao Vocabulário e à Enciclopédia, para o processo de interpretação. Segundo este modelo, as propriedades conceituais dos itens não seriam relevantes para C_{HL} , que operaria apenas com traços morfossintáticos e raízes lexicais. Uma raiz lexical é “acategórica”, i.e., não traz os traços N, V, etc., sendo determinada sintaticamente, a depender da categoria funcional “mais próxima” (em termos de c-comando) a licenciá-la (p.e., se for *D*, será um substantivo; se for *v*, *Asp* e *T*, será um verbo; e assim por diante). Raízes possuem entradas tanto no Vocabulário, quanto na Enciclopédia, porém estas informações não são utilizadas em C_{HL} . É preciso ressaltar, também, que na DM nem todos os morfemas precisam ter um terminal sintático correspondente, visto que morfemas dissociados podem ser inseridos na estrutura após a sintaxe.

Não vou entrar aqui nos detalhes desse modelo e deixo ao leitor a sugestão de consultar Harley & Noyer (1999) e as demais referências citadas lá. Enfatizo apenas a conclusão a que esta breve apresentação nos permite chegar: embora não seja claro, em Harley & Noyer (1999), de que forma o conjunto dos itens morfossintáticos (“*List A*” na Figura 2) é formado no início da derivação sintática (i.e., o processo de seleção dos símbolos

que entrarão na derivação), vemos que neste modelo C_{HL} opera com elementos “menores” que as palavras, no caso, os traços morfossintáticos. Ou seja, há um “léxico” sobre o qual C_{HL} opera, mas este não é composto por palavras da língua, como comumente assumido. Veremos que esta característica também aparece no modelo a ser considerado na próxima seção.

2.2 A nanossintaxe

Starke (2011) assume a teoria de *Princípios e Parâmetros* em sua versão minimalista (cf. Chomsky, 1995), argumentando que uma “parte” da teoria obteve muito sucesso, a saber, o “núcleo” da teoria, que ele considera como sendo os *princípios universais*. Para Starke (2011), os parâmetros seriam secundários, visto que pressupõem os princípios. O autor acrescenta ainda que falta à teoria uma abordagem satisfatória para os parâmetros, aspecto já há muito discutido (ver Meisel, 1995), mas ainda em aberto. Oferecer uma solução formal para o conceito de parâmetro é, portanto, o objetivo central em Starke (2011).

O primeiro movimento de Starke (2011) é o de mostrar que o desenvolvimento da teoria sintática tem conduzido as representações linguísticas a níveis cada vez mais granulares, em que temos, praticamente, um traço por terminal da árvore sintática. Isso fica de fato evidente se consideramos algumas das diversas propostas teóricas na tradição da sintaxe gerativa, tais como hipótese sobre a estrutura de *IP* (Pollock, 1989), a proposta de “desmembramento do *VP*” (Hale & Keyser, 1994), a hipótese sobre a estrutura interna ao *VP* (Collins & Thrainsson, 1996), a projeção de “voz” (Kratzer, 1996), a estrutura interna da “periferia à esquerda” (Rizzi, 1997) e a estrutura das projeções adverbiais (Cinque, 1999), só para citar algumas. Tais pesquisas não apenas mostram que as estruturas parecem ser mais granulares, como também mostram que, em termos de universalidade, a ordem hierárquica em tais estruturas tende a ser constante.

Starke (2011) chega à conclusão de que, portanto, se a variação é, como se diz, lexical, então esta ocorre, em última instância, nos traços. Porém, esta conclusão vai contra a conclusão acima, de que há universalidade no modo como os traços se distribuem na árvore, restando, segundo Starke (2011), apenas a opção de recorrer a “traços paroquiais”, como o “traço de borda” ou o traço EPP⁸. Para sair deste impasse, Starke (2011) introduz o conceito de *spell-out sintagmático*⁹, que é exemplificado a seguir, na Figura 3:

8 Aos quais Starke se refere, respectivamente, como traços “Eu sou diferente da outra língua” e “Eu quero mover”.

9 *Phrasal spell-out*.

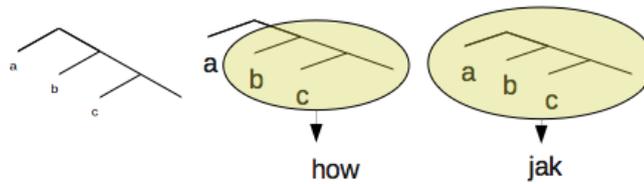


Figura 3. Exemplo de *spell-out* sintagmático

Este conceito foi desenvolvido no âmbito do que Starke (2011) chama de *nanossintaxe* e funciona da seguinte forma: itens lexicais vêm em vários “tamanhos”, i.e., eles *realizam*¹⁰ constituintes maiores ou menores. Na figura, vemos que para uma mesma estrutura universal de traços, [a [b [c]]], podemos ter, no inglês, o item lexical *how* como realização do subconstituente [b [c]], enquanto na língua eslovaca temos a contraparte (elemento-*Qu*) *jak* realizando todo o constituinte, [a [b [c]]]. Assim, segundo Starke (2011), podemos dar conta da variação sem recorrer, por exemplo, à “força de traços”: processos gramaticais que envolvem a camada 'a', *aP*, irão afetar o *jak* do eslovaco, mas não o *how* do inglês. Os parâmetros se reduzem, portanto, ao “tamanho” do constituinte realizado por itens lexicais. A ideia subjacente à nanossintaxe é definida por Starke nos seguintes termos (2011:4, tradução livre):

[...] ao passo que as representações sintáticas se tornam maiores, seus terminais se tornam mais granulados, até atingir o ponto de ser “submorfêmicos”, i.e., menores que morfemas individuais. Árvores sintáticas, mesmo com quantidades moderadas de projeções funcionais, há muito passaram o ponto dos “terminais submorfêmicos”. Se terminais são menores que morfemas individuais, segue-se que morfemas não podem alimentar a sintaxe: eles são muito grandes, muito ásperos, eles não provêm a granularidade correta de ingredientes para construir árvores sintáticas. Ao invés, é apenas após alguns passos da derivação que um constituinte grande o bastante para corresponder a um morfema é criado. Segue-se, portanto, que o léxico vem estritamente após a sintaxe e que os lexemas correspondem a constituintes sintagmáticos inteiros.

Starke (2011) aponta para uma aparente incoerência, no entanto: se o léxico vem estritamente após a sintaxe, ele vem muito tarde para sequer influenciar o curso da sintaxe. A solução apresentada é a de adotar um modelo em que o Léxico realimenta a sintaxe, i.e., à medida que a árvore vai sendo construída e as operações de *spell-out* desencadeadas, o léxico realimenta a sintaxe com informações dos lexemas correspondentes, para que estas possam, assim, determinar os passos posteriores da derivação. Com isso, chegamos finalmente ao

10 Utilizarei este termo como substituto para o conceito (verbal) de *to spell-out*.

modelo de gramática (simplificado) apresentado por Starke (2011):

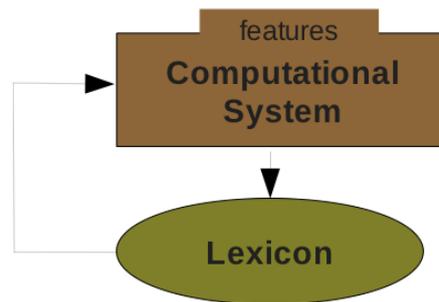


Figura 4. O modelo de gramática na nanossintaxe

Neste modelo, o sistema computacional opera sobre traços submorfêmicos, cuja origem, i.e., se fazem parte de C_{HL} ou se são fornecidas por algum outro módulo, é indeterminada em Starke (2011). Note as semelhanças cruciais entre este modelo e o modelo proposto na DM: (i) em ambos, a C_{HL} opera sobre traços, embora na DM não estritamente no nível submorfêmico e nem a todo morfema corresponde um nó sintático terminal; e (ii) em ambos, o Léxico é pós-sintático, embora na DM este seja substituído pelo Vocabulário e a Enciclopédia. No entanto, também há uma diferença que importa ressaltar: enquanto no modelo da nanossintaxe o Léxico realimenta a C_{HL} com informações lexicais, na DM não parece haver algum processo similar, seja entre C_{HL} e o Vocabulário, seja em relação à Enciclopédia.

Uma previsão básica consequente desta distinção é a de que a DM encontraria dificuldades significativas para dar conta dos fenômenos linguísticos que motivaram essa característica no modelo da nanossintaxe. Esta comparação certamente colocaria em relevo importantes propriedades dos dois modelos, mas ficará por ser feita noutro momento. Neste artigo me limito a ressaltar algumas consequências desta confluência de visões sobre o papel do léxico nos dois modelos.

4. Algumas consequências

4.1 Indistinção entre níveis linguísticos

Talvez a consequência mais relevante destes dois modelos para a teoria seja a indistinção entre sintaxe e morfologia, resultante de seus pressupostos. Essa consequência pode ser analisada sob duas perspectivas: a *teórica* e a *psicológica*. Em relação à perspectiva teórica, a teoria parece ganhar em elegância e simplicidade, com a ressalva de que esta é uma

análise ainda preliminar, visto que os processos estruturais internos à palavra seriam de mesma natureza que os processos acima do nível da palavra, até ao nível da sentença. Se, com o desenvolvimento dos estudos de semântica formal, já tínhamos atingindo um certo nível de homogeneidade entre processos sintáticos e semânticos, com estes modelos a teoria passa a conferir à linguagem um caráter ainda mais homogêneo, em relação aos seus processos estruturais.

Em termos do grau de comprometimento de cada um com esta homogeneidade, pode-se dizer que a DM é mais moderada, quando comparada à nanossintaxe. Para esta última, C_{HL} operaria apenas com os elementos submorfêmicos e, portanto, a derivação como tem sido tradicionalmente abordada refletiria apenas um *estado tardio* da derivação nanossintática. Além disso, na nanossintaxe todas as informações da expressão linguística final estão presentes desde o início da derivação, não havendo um processo de inserção tardia similar ao da DM. Por estas razões, a DM é menos radical nessa homogeneização do sistema, visto que há operações e processos específicos que podem introduzir informação nova após a sintaxe.

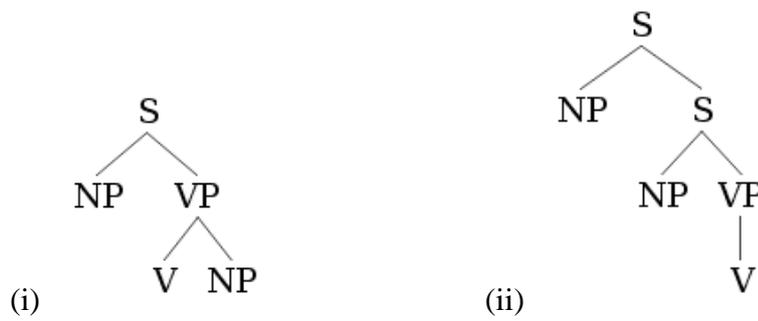
Com relação à perspectiva psicológica, pode-se conjecturar um grau maior de realidade a tais modelos, se tivermos em conta que a visão estritamente modular não possui (até onde se sabe) correlatos neurais que a corroborem. Se este fato puder ser tomado como indício ou mesmo evidência de que os (ou alguns dos) diferentes níveis linguísticos possam ter uma natureza mais homogênea, então os modelos analisados aqui podem ser vistos como um passo adiante, em termos de realidade psicológica, sendo assim não apenas teoricamente desejáveis, mas também empiricamente. Entretanto, é preciso enfatizar que esta é uma questão de difícil esclarecimento e ainda estamos um tanto distantes da compreensão necessária para fazer afirmações mais categóricas.

4.1.2 Semelhanças com a Gramática Cognitiva

O termo Gramática Cognitiva (ou “de Construção”) refere-se a uma série de modelos formais do conhecimento gramatical que compartilham uma característica em comum: o conceito de *construção*. Há pelo menos quatro modelos principais, mais ou menos distintos, nessa tradição (cf. Croft, 2007): o de Fillmore & Kay, o de Lakoff & Goldberg, o de Langacker, e o de Croft. Alguns dos autores parecem se localizar mais fortemente que outros na tradição gerativa, sendo que alguns talvez se coloquem totalmente fora dela.

A principal característica desses modelos é assumir como *unidade linguística fundamental* aquilo que chamam de *construção*. Estas são definidas como expressões que vão

desde a combinação de dois morfemas simples até as expressões oracionais mais complexas. Ou seja, neste modelo também haveria um *continuum* entre morfologia e sintaxe. A ideia fundamental desses modelos é a de que as construções são *os* signos da linguagem, i.e., as formas para as quais há sentido(s) vinculado(s), tanto em sua forma esquemática ou estrutural abstrata, quanto nas instâncias lexicalizadas. Assim, tanto palavras e morfemas, tomados isoladamente (como *fogo*, *desejo*, *correr*, *-mente*, *in-*, etc.), quanto arranjos sintáticos (p.e., as expressões idiomáticas, tais como *chutar o balde*), seriam itens lexicais (ou, pelo menos, *lexicalizáveis*), mas não só. Também as estruturas abstratas, como dito, podem “lexicalizar-se”: num exemplo simplificado, em português, uma estrutura canônica do tipo (i), abaixo, teria o sentido pragmático de “declarativa”, enquanto (ii) o de “topicalizada”:



Como vemos, a mesma abordagem dada ao léxico é estendida também às expressões mais complexas, assumindo portanto uma homogeneidade entre os processos morfológicos e sintáticos. Porém, há outras tantas características que distanciam este modelo dos dois apresentados aqui. Se trago esta abordagem para a presente discussão, isto se deve ao fato de não se poder negar que temos uma semelhança interessante entre os três modelos, a despeito das diferenças em suas bases epistemológicas, tanto mais se tivermos em conta que todos eles tem se desenvolvido paralelamente nas duas últimas décadas. Esta aproximação por caminhos aparentemente independentes não deixa de ser um fato curioso e que, acredito, mereça atenção.

4.1.3 Previsões empíricas

O último ponto que quero destacar é relacionado às previsões empíricas destes modelos. Consideremos a que se refere à possível universalidade do ordenamento hierárquico dos traços elementares manipulados por C_{HL} . Propostas como as citadas anteriormente (Cinque, 1999; Rizzi, 1997; etc.) apontam nessa direção. Há, no entanto, alguns trabalhos que

cogitam a possibilidade de haver “parametrização” dessa ordem, por exemplo, no interior do complexo *IP* (ver Pollock, 1989, 1997; Ouhalla, 1990; e Belletti, 1990). Porém, como argumenta Starke (2011), essa possibilidade enfraquece o modelo, afinal se a ordem sintática dos elementos varia, acaba não sobrando muito espaço para universalidade nas línguas. Portanto, optarei por assumir a perspectiva de Starke (2011), visto que ela prevê algumas consequências interessantes.

Já sabemos que as línguas mapeiam estes elementos de modos diferentes, justamente o fenômeno que a nanossintaxe tenta explicar através do conceito de *spell-out sintagmático*. Portanto, um elemento que aparece isolado numa língua, pode ser realizado de modo sincrético noutra. Portanto, não é possível isolar a ordem destas informações com base apenas numa língua. Se a ordem entre os símbolos manipulados por C_{HL} é universal, a previsão é a de que mapear esta ordem é uma tarefa possível, que depende fundamentalmente da comparação das línguas naturais, para detectar tanto os elementos que aparecem isolados, como “onde” aparecem (i.e., seu nível hierárquico).

Não precisamos ir longe, para ver que os resultados dessa linha de investigação, em se mostrando correta, podem ter um impacto significativo nos estudos da linguagem. Primeiro, um impacto no próprio caráter *informacional* da linguagem: a compreensão da natureza das relações informacionais, na forma de relações de escopo entre as diversas propriedades elementares (espaciais, temporais, perspectivas, etc.) codificadas nas línguas. Uma compreensão desse nível nos permitiria fazer previsões¹¹ do tipo: *a propriedade P pode ou não estar isolada (morfologicamente) numa língua, mas se estiver ela estará em tal ou tal lugar na hierarquia e desencadeará tais e tais consequências no sistema linguístico dessa língua*. Como se vê, previsões passíveis de verificação empírica.

Seria ainda mais interessante se tais relações refletissem de alguma maneira as relações encontradas também no mundo natural, o que nos levaria até considerações sobre filosofia da linguagem, com questões do tipo “*a linguagem reflete o mundo natural ou é nossa compreensão do mundo que reflete propriedades da linguagem?*”. Enfim, estas considerações tem por finalidade mostrar que perseguir essa linha investigativa vale o esforço, por ter o potencial de engendrar inspirações sobre aspectos profundos da linguagem humana e da cognição em geral.

5. Considerações finais

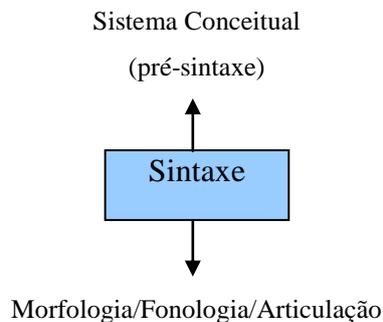
¹¹ Previsões desse tipo tem um “sabor paramétrico” (um fator que, presente, desencadeia outras consequências) que parecem justificar a proposta em Starke (2011), em relação ao que seria um parâmetro.

Espero ter atingido meu objetivo, que era o de discutir alguns aspectos específicos relacionados aos modelos da DM e da nanossintaxe. Ressalto novamente que são apenas considerações preliminares, mas não de todo inócuas, visto que põem em evidência aspectos de desenvolvimentos teóricos relativamente paralelos e independentes que para muitos podem passar despercebidos. Realçá-los era meu objetivo. Para finalizar, quero apenas deixar uma questão para reflexão, visto que nenhum dos modelos considerados aqui propõem uma explicação (mesmo que tentativa) para ela:

De onde vem os traços elementares manipulados por C_{HL} ?

Tanto na DM, quanto na nanossintaxe, essa questão está em aberto. Lembre-se que nos modelos chomskianos há a postulação de um processamento pré-sintático responsável por selecionar e disponibilizar os itens lexicais, mesmo que obscuro e não investigado pela teoria. Se os dois modelos em consideração vem como alternativas para ampliar a adequação da teoria, seria de esperar que se concentrassem em fornecer uma solução satisfatória (ou pelo menos no mesmo nível da chomskiana) para essa questão, visto ser ela tão fundamental para qualquer modelo, i.e., se estamos tratando de sistemas simbólicos, é fundamental definirmos quais são os símbolos com os quais opera, seu estatuto, bem como sua origem e motivação (tanto teórica, quanto psicológica¹²). Sem isso, é quase uma impropriedade afirmar que se tem uma teoria de um sistema simbólico.

Algumas coisas podem ser ditas, porém, em relação aos caminhos que conduzirão a uma solução: ela certamente não estará na postulação de que os traços tem origem na própria sintaxe, visto que os traços se referem a propriedades – no limite – conceituais e, portanto, não podem ser privilégio de C_{HL} .



12 Em relação a outras habilidades cognitivas.

(pós-sintaxe)

Figura 5. Possível revisão para a arquitetura da FL

Isso abre caminho para a conjectura de que a origem de tais elementos estaria de fato no sistema conceitual (C-I, na notação chomskiana), o que levaria a modificações na arquitetura em Y assumida para a gramática, na qual a interface com o sistema conceitual é pós-sintática. Teríamos então um modelo alternativo, na linha do que está esboçado na Figura 5, acima. Nesta arquitetura, a sintaxe continuaria tendo papel gerativo, i.e., continuaria sendo o lugar da manipulação criativa característica da linguagem e encerraria todo o processamento desde o nível submorfêmico até a expressão LF final.

6. Referências

- BELLETTI, A. **Generalized Verb Movement**. Rosenberg & Sellier, Torino, 1990.
- BOECKX, C. **Linguistic Minimalism: Origins, Concepts, Methods, and Aims**. Oxford University Press, 2006, 256 p.
- CHOMSKY, N. **Remarks on Nominalization**. Readings in Transformational Grammar, edited by R. A. Jacobs & P. S. Rosenbaum, 1970, 184-221. Waltham, Mass.: Ginn.
- _____. **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.
- _____. **A minimalist program for linguistic theory**. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Ed.). "The View from Building 20 – Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger". Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1993, 1-52.
- CINQUE, G. **Adverbs and functional heads**. Oxford: Oxford University Press, 1999, 288p.
- COLLINS, C. & THRAINSSON, H. **VP-Internal Structure and Object Shift in Icelandic**. Linguistic Inquiry, v. 27(3), Summer, 1996, 391-444.
- CROFT, W. **Construction Grammar**. In GEERAERTS, D. & H. Cuyckens (eds) The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics. New York: Oxford University Press, 2007, p. 463-508.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P. & O'CONNOR, M. C. **Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone**. Language, v. 64(3), Setembro, 1988, 501-538.
- HAEGEMAN, L. **Introduction to Government and Binding Theory**. Blackwell Textbooks in Linguistics. Wiley-Blackwell, 1994, 2ed., 728p.
- HARLEY, H. & NOYER, R. **Distributed Morphology**. Glot International, v. 4, issue 4, Abril, 1999.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. K. **Understanding Minimalism**. New York: Cambridge University Press, 2005. (Cambridge Textbooks in Linguistics).

JACKENDOFF, R. Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon. *Language*, v. 51(3), Setembro, 1975, 639-671.

KRATZER, A. **Severing the external argument from its verb**. In J. Rooryck and L. Zaring (eds.): "Phrase Structure and the Lexicon". Dordrecht (Kluwer), 1996, 109-137.

LIDZ, J. **The abstract nature of syntactic representations: consequences for a theory of learning**. In E. Hoff and M. Shatz (eds.) *Handbook of Language Development*. Blackwell: Cambridge, 2009.

MARANTZ, A. **A late note on Late Insertion**. In KIM, Y. *et al*, "Explorations in generative grammar", 1995, 396–413. Seoul: Hankuk.

MARANTZ, A. **No escape from syntax**: Don't try morphological analysis in the privacy of your own Lexicon. *Penn Working Papers in Linguistics 4:2: Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, edited by A. Dimitriadis, L. Siegel, C. Surek-Clark, & A. Williams, 1997, 201-225. Philadelphia: University of Pennsylvania.

MEISEL, J. M. **Parameters in Acquisition**. In "The Handbook of Child Language", Fletcher P. e MacWhinney B. (orgs.), Blackwell Publishers Ltd., 1995.

NUNBERG, G.; SAG, I. A. & WASOW, T. **Idioms**. *Language*, v. 70(3), Setembro, 1994, 491-538.

OUHALLA, J. **Sentential negation, relativised minimality and the aspectual status of auxiliaries**. *The Linguistic Review* 7(2), 1990, 183-231.

POLLOCK, J-Y. **Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP**. *Linguistic Inquiry*, v. 20(3), Summer, 1989, 365-424.

POLLOCK, J-Y. **Notes on clause structure**. In L. Haegeman (ed) "Elements of grammar – handbook of generative syntax". Dordrecht, Kluwer, 1997.

RIZZI, L. **The fine structure of the left periphery**. In L. Haegeman (ed) "Elements of grammar – handbook of generative syntax", Dordrecht, Kluwer, 1997.

STARKE, M. **Towards elegant parameters**: Language variation reduces to the size of lexically stored trees. <http://ling.auf.net/lingBuzz/001183>